



Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Instituto de Humanidades e Letras  
Curso de Bacharelado em Humanidades

## TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA UNILAB – DO DISCURSO  
INSTITUCIONAL AOS DISCURSOS DOS QUE VIVEM EM SEU  
ENTORNO

Wagner Lima Barros

Redenção – Ceará  
2014

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE BACHARELADO EM  
HUMANIDADES

WAGNER LIMA BARROS

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA UNILAB – DO DISCURSO  
INSTITUCIONAL AOS DISCURSOS DOS QUE VIVEM EM SEU  
ENTORNO

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como um dos requisitos à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador(a): Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes.

Redenção – Ceará  
2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira  
Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos CRB-3 / 1219**

---

B273i Barros, Wagner Lima.

A representação social da UNILAB – do discurso institucional aos discursos dos que vivem em seu entorno. / Wagner Lima Barros. – Redenção, 2014.

33 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientadora: Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes.

Inclui Referências.

1. Ensino superior - Aspectos sociais – Ceara. I. Título

CDD 378.8131

---

WAGNER LIMA BARROS

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA UNILAB – DO DISCURSO INSTITUCIONAL  
AOS DISCURSOS DOS QUE VIVEM EM SEU ENTORNO

Monografia submetida ao Curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Apresentada em: 12/ 08 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes (Orientadora)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

---

Prof. Dr. Ramon Souza Capelle de Andrade (1º Examinador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

---

Profa. Dr. Mário Henrique Castro Benevides (2ª Examinador)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

A Luiza Alexandre e Maria Arina, minhas avós (*in memoriam*).

*“Nec laudes, nec vituperationes, nec honores, nec supplicia justa sunt, si anima non habeat liberam potestatem et appetendi et abstinendi, sed sit vitium involuntarium.\*”*

Clemente de Alexandria.

\*Stromates I, 17 – “Nem os elogios, nem as censuras, nem as honras, nem os suplícios são justos, se a alma não tem livre poder de desejar ou abster-se, visto que o vício é involuntário”.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Aos meus pais, pela empatia e presteza em diversos momentos.

Aos meus irmãos, pelo apoio e colaboração.

Aos amigos, Erlanilson Tavares, Elem Patrícia, Ana Márcia, Nilson Filho, Anísio Távora, Edilene de Castro, Jefferson Arújo, Benvinda Cambango, Hermeson Rodrigues, Priscila Oliveira, Joelma Barros, Luiz Gonzaga, Luiz Francisco Santiago, Francimar Ribeiro, Marcio Henrique, Edson Brito, Fátima de Castro, Henrique Jorge, Diogo Meneses, Maria de Lourdes, João Soares, Emanuel Ferreira, Cátia Teodoro.

## RESUMO

O projeto brasileiro de interiorização e internacionalização do ensino superior público e de qualidade é um desafio que vem sendo posto em prática no Brasil de forma evidente na última década. Quando uma instituição pública de ensino superior se instala em região carente, rural, no interior do Brasil, essa região se modifica rapidamente e drasticamente. A população do Maciço de Baturité, especialmente a cidade de Redenção, no interior do Estado do Ceará, está vivenciando essas transformações, desde que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) se instalou nesta região. O presente trabalho, um estudo interpretativo-qualitativo de caso, tem por objetivo compreender essas mudanças sob a perspectiva do discurso dos que vivem no entorno da UNILAB. São perguntas para as quais procuramos respostas: Como os moradores do entorno da UNILAB constroem a representação da Instituição? Quais as semelhanças /dessemelhanças entre o modo como a UNILAB se representa, nos documentos que a constituíram que a regem, e o modo como os moradores de seu entorno a representam? A partir desta compreensão, queremos contribuir para que a UNILAB possa repensar suas ações, principalmente as de extensão, a fim de modificar representações negativas e reforçar representações positivas. Em termos teóricos, trabalhamos com o conceito de representação social como forma de convencionalização de objetos, pessoas ou acontecimentos construídas e apreendidas na/pela linguagem (MOSCOVICI, 2013). Assim, elaboramos um roteiro de entrevista, entrevistamos seis moradores da região de diferentes faixas etárias, transcrevemos as entrevistas e as analisamos. Observamos que a UNILAB é positivamente representada, principalmente pelo que propiciará no futuro dos redencionistas, mas ainda não está incorporada ao dia a dia dos entrevistados: ela está fisicamente próxima, mas distante na vivência prática.

**Palavras-chaves:** *Representação Social. Discurso. UNILAB.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. BASE TEÓRICA DE NOSSA REFLEXÃO.....</b>	<b>10</b>
2.1 A universidade brasileira: breve histórico -----	10
2.2 A teoria das representações sociais -----	14
2.3 A Linguagem e sua análise -----	17
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....</b>	<b>20</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

A chegada de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IES) em região geográfica esquecida historicamente pelas autoridades governamentais gera impactos nas mais diversas instâncias: econômica, infraestrutural, emocional. Se as mudanças externas são claramente perceptíveis – novos estabelecimentos comerciais, valorização dos imóveis, aumento populacional –, as questões subjetivas não são tão claramente perceptíveis – como se sentem os moradores que já habitavam a região antes da instalação da IES? De uma hora para outra, comparada com o tempo de praticamente mudança alguma, tudo começa a mudar: gente nova, novos hábitos, novas perspectivas... Como essa novidade é vista, sentida e representada pela linguagem?

Esse trabalho se justifica como uma das primeiras tentativas acadêmicas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) de ver a si mesma pela óptica dos habitantes de seu entorno. Como IES que se instalou no interior do Estado do Ceará, região carente, historicamente desprestigiada, a UNILAB chega representando a si mesma como um projeto de interiorização/internacionalização de um ensino de qualidade. Além do ensino, como IES de ensino superior, ela também precisa pensar sua pesquisa/extensão com essa meta dupla: interiorizar internacionalizar. Com três anos de efetivo funcionamento, questionamo-nos: os habitantes de seu entorno representam a UNILAB como ela própria se representa?

O espaço de uma universidade não costuma ser convidativo a pessoas com baixo grau de letramento porque elas não se sentem ali representadas. Sentem que aquele é um espaço “evoluído”, “de doutores”; para os jovens estudarem... como transpor essa barreira e aproximar Universidade e comunidade, fazendo da Universidade um espaço no qual todos se sintam parte dela?

O objetivo central deste trabalho é compreender a representação da UNILAB, via discurso, pelos habitantes de seu entorno a fim de refletir no que pode ser feito para viabilizar essa ponte, de fato, entre UNILAB e habitantes do Maciço de Baturité.

## **2. BASE TEÓRICA DE NOSSA REFLEXÃO**

Um dos questionamentos constitutivos da contemporaneidade diz respeito ao papel da universidade na sociedade: qual a sua contribuição efetiva na vida das pessoas? Para além de formar profissionais como Professores, Médicos, Engenheiros, Agrônomos, Advogados... o que nela se faz em termos de pesquisa/ensino/extensão que é percebido pela sociedade como benefício que a universidade lega a um povo? No que concerne à realidade brasileira, observamos que a universidade ainda está distante da maioria dos brasileiros, portanto, muitos ainda a vêm como lugar em que, principalmente, os filhos da classe média-alta e alta se direcionam após a educação básica para conseguir, no futuro, bons empregos.

Para entendermos um pouco da Universidade brasileira, consideramos importante uma breve retrospectiva histórica. E, para os fins desse trabalho, prosseguiremos com algumas observações sobre a teoria das representações sociais a fim de discutirmos as representações em torno da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

### **2.1 A universidade brasileira: breve histórico**

Para compreender a criação da universidade no Brasil, precisamos entender os eventos históricos ocorridos nos períodos Colonial e Monárquico. Havia, de um lado, uma resistência da metrópole portuguesa que, por meio de suas políticas imperialistas, buscava, além de explorar os recursos naturais, manter o seu domínio livre de conflitos separatistas fomentados por pensadores universitários, e, de outro, havia o desinteresse da oligarquia dominante brasileira, a qual julgava ser mais adequado para os filhos desta elite buscar na Europa a realização dos cursos superiores, o que, no regresso desses filhos, lhe asseguraria a perpetuação no poder, ideia essa bem representada quando lemos as seguintes palavras:

Pronuncio-me contra a universidade na mais plena convicção de que ela é antes um mal que um bem; longe de significar um passo no caminho do progresso, é um ato de regresso ou pelo menos, uma cousa sem nenhuma influência no serviço que com ela se pretenda melhorar. (MOACYR, 1937, p. 580)

Apesar desse desinteresse pela criação de uma universidade brasileira, ocorrem muitas tentativas na perspectiva de criar uma universidade. Muitas delas eram esforços dos separatistas e revoltosos da então colônia, como no caso dos envolvidos na Conjuração Mineira. Porém as muitas tentativas todas foram malogradas até o final do Primeiro Reinado, em decorrência da forte influência da coroa portuguesa sobre a elite brasileira. É neste contexto que se dará a criação tardia da universidade no Brasil, como destaca o excerto a seguir:

O ingresso do Brasil na Educação Superior foi tardio em relação a outros países da América Latina. A coroa portuguesa temia que o desenvolvimento da Educação Superior no Brasil pudesse contribuir com as mobilizações pela independência, e o modelo agroexportador dos primeiros séculos de colonização exigia poucos profissionais com formação superior. Nas colônias espanholas já havia universidades desde o século XVI. Em maio de 1551, foi criada a primeira universidade americana, em território peruano, a conhecida Universidade Nacional de São Marcos. (ARAÚJO, 2012, p. 83)

Desta maneira, uma das primeiras escolas de ensino superior no Brasil, a Faculdade de Medicina da Bahia (Fameb), foi inaugurada em 1808, início do século dezanove, portanto. Ela foi instalada no Hospital Real Militar, localizada nas dependências do Colégio dos Jesuítas. Hoje, ela é parte da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Do início do século dezanove à primeira metade do século vinte e um, onde agora estamos na corrente do tempo, destacamos que a universidade brasileira se manteve restrita a poucos brasileiros, com poucas perspectivas de difusão do ensino superior para as camadas menos favorecidas.

Voltemos na corrente do tempo: aos anos trinta. Da fundação da primeira universidade (1808) aos anos trinta do século XX, período de crise financeira mundial acentuada, destacamos o crescimento econômico do Brasil. Sobre esse aspecto, lemos em Furtado o seguinte:

A Economia brasileira, conforme vimos, se havia recuperado por suas próprias forças nos anos 30 e, ao contrário do que ocorrera nos EUA e numerosos outros países, havia chegado a 1937 com um nível de renda per capita superior ao de 1929. (FURTADO, 2007, p. 296)

O Brasil se encontra em condição financeira privilegiada na década de 30, mas com um imenso desafio, bastante peculiar: o de pensar seus filhos pátrios não mais como produto de uma colonização predatória e degradante. O que, sem dúvida, perpassa os desafios de letrar esses filhos, de dar-lhes acesso a uma educação de qualidade. E aqui destacamos que o próprio conceito de “educação de qualidade” é uma concepção cultural e social, estando essas sempre em modificação, como destaca Bock:

E, além de adquirir a herança social da humanidade, os humanos continuam a produzir o mundo cultural e social onde estão. As crianças que nascem encontram sempre um mundo novo e deixarão sempre um mundo transformado. A sociedade estará sempre, como os humanos, em permanente modificação, e essas transformações se dão e se darão pela relação que existe entre indivíduos e coletividade/sociedade. Somos sócios no empreendimento de transformar o mundo e a nós mesmos. (BOCK, 2011, p.69)

Avançando na corrente do tempo, destacamos, nesse constante processo de produção do mundo cultural e social, que os governos brasileiros mais recentes apostaram que as universidades podem ser um importante vetor para o desenvolvimento nacional/regional. O governo brasileiro, nos últimos dez anos do século XXI, tem dado bastante importância à criação de universidades focadas no desenvolvimento regional. Neste âmbito, os esforços do Estado são direcionados ao fomento, em regiões menos favorecidas economicamente, de políticas de redução das desigualdades regionais e consequente desenvolvimento local e nacional, é o que confirma a leitura do excerto abaixo, um trecho extraído da 1ª Conferência Nacional de Desenvolvimento Regional (CNDR):

Juntamente com a expansão e interiorização dos IFETs, a criação de novas universidades federais e implantação de novos campi, priorizando regiões menos desenvolvidas, é um dos esforços marcantes no sentido da redução das desigualdades no País, significando que este problema vem sendo considerado pelo governo federal. Até o ano de 2010, foram implantadas 14 universidades federais e 126 novos campi universitários distribuídos nas cinco regiões brasileiras, mais do que dobrando o número de municípios atendidos. (CNDR, 2013, p.64)

A interiorização do ensino no Brasil enfrenta, além do desafio a ser superado pelo país como um todo: o de viabilizar que as classes menos abastadas tenham acesso à educação de qualidade, desafios particulares em relação ao não investimento no interior do País, pois, historicamente, às capitais se destinavam os recursos governamentais. Em Farias, lemos o seguinte acerca da capital cearense, Fortaleza:

A capital ganhava importância não só pelo crescimento populacional, mas também e principalmente porque na cidade eram feitos os maiores investimentos do Estado e se concentravam as atividades político-administrativas, econômicas e sociais – ali estava a sede do governo, os órgãos de justiça, repartições públicas federais, os grandes estabelecimentos comerciais, indústrias, agências bancárias, o principal porto, terminais ferroviários, estradas, boas instituições de ensino (em 1955 era inaugurada a Universidade do Ceará, depois chamada de Universidade Federal do Ceará), hospitais, opções de lazer, etc. Com isso, inclusive, ampliava-se a oferta de trabalho e possibilitava-se o aumento da classe média da cidade, composta por burocratas (o Estado era o grande empregador), executivos, profissionais liberais, comerciantes, etc. (FARIAS, 2012, p. 379)

Constatamos, assim, a existência de uma complicada polarização dos recursos, não somente econômicos, mas também políticos e sociais. Em decorrência dessa polarização, deu-se o aumento da industrialização, mas, paralelamente, o aumento das discrepâncias e dependências nas demais regiões no Ceará. No trecho acima transcrito, vemos salientado a criação de um estabelecimento público de ensino superior – *na capital*.

Com o esgotamento das capitais, que não mais dão conta de receber novos moradores, eis que o País volta seu olhar para o interior; nesta direção, nasce a Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em suas Diretrizes (2010, p.9), lemos o seguinte:

Além de seu campus principal, a UNILAB pretende implantar uma rede de unidades a fim de atender às demandas dos municípios da região do Maciço do Baturité e de seu entorno, com extensão às demais localidades do estado e do Nordeste brasileira. (Diretrizes Gerais da UNILAB, 2010, p. 9)

Além de ter, em sua proposta, a meta da interiorização do ensino de qualidade, a UNILAB também nasce com a missão da universalização do ensino, ou seja: é interiorizar e universalizar. Em suas Diretrizes, lemos o seguinte:

A educação superior é fator de desenvolvimento para todas as nações. Como vimos, diversos estudos, em todo o mundo, apontam a pesquisa e a formação em nível superior como fatores de erradicação da pobreza e apoio à inclusão social e ao desenvolvimento sustentável. Há consenso, portanto, acerca da necessidade da sua expansão para todos os segmentos sociais e de sua universalização como fator de promoção humana e social. (Diretrizes Gerais da UNILAB, 2010, p. 42)

Chegamos ao século XXI, a Universidade ainda não é para a maioria dos brasileiros, as universidades estão, ainda, em sua maioria, situadas em grandes centros, e agora vivemos um movimento de interiorização/universalização do ensino do Brasil. Que representação social os habitantes do Maciço de Baturité construíram/constroem/reconstroem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira neste contexto? Como o projeto está se concretizando? Que perspectivas ele inaugura na região do Maciço de Baturité? O que flagramos, dos discursos desses moradores, acerca de como percebem a UNILAB? Quais as diferenças/semelhanças entre os discursos dos membros da comunidade e o institucional?

## **2.2 A teoria das representações sociais**

Por meio dos sentidos, que viabilizam nossa interação com outros seres e com o mundo ao nosso redor, e por meio de nossa capacidade cognitiva de categorização do mundo, estabelecemos uma significação do “real” e de nós mesmos. Buscamos, constantemente, evocar um sentido, uma representação mental, um significado para tangenciarmos o domínio do abstrato. Acerca do que chama de “mundo da intuição”, escreveu Shopenhauer:

É por esta razão que o mundo da intuição, enquanto não tentamos ultrapassá-lo, não provoca, naquele que observa, nem dúvida nem inquietude; não há aqui lugar nem para o erro nem para a verdade, relegados, um e outra, para o

domínio do abstrato, da reflexão. Aos olhos dos sentidos e do entendimento o mundo revela-se e dá-se com uma espécie de ingênua franqueza, com uma representação intuitiva que desenvolve sob o controle da lei da causalidade. (SCHOPENHAUER, 2001, p.22)

Um dos fatores de distinção entre os seres humanos e os outros animais irracionais é a faculdade de abstração, daí podemos deduzir que, para os animais irracionais, há uma limitação definida pela ordem da intuição, mas que, de certo modo, permiti-lhes sentir as representações necessárias ao seu contentamento instintivo, ou seja, às determinações da sua vontade. No ser humano, no entanto, a vontade determina-se através dos desejos, o homem pensa estar procurando sua íntima satisfação, porém, ele está satisfazendo a natureza, enquanto representação de sua vontade, evidenciando assim a dicotomia entre o mundo que “vejo e é dado” e o entendimento. Com base nessa compreensão, nos propomos a organizar, em um sistema, as ideias manifestas nas opiniões verbalizadas de nossos entrevistados. De modo a compreendermos as opiniões semelhantes e as divergentes encontradas nos discursos de nossos entrevistados, vislumbrando atingir um entendimento.

Nesse âmbito é que buscamos observar os determinismos sociais da ação e das práticas estudadas pelo sociólogo Émile Durkheim (1895) a partir da análise das relações que são estabelecidas entre o social e o individual dentro de uma perspectiva ao mesmo tempo positivista, holística e determinista. O sociólogo manifesta uma primeira abordagem positivista, que consisti em apresentar uma visão científico-explicativa com base nos fatos sociais, estes seriam atestáveis nas representações, nas práticas e nas instituições coletivas, independentemente das relações com saberes e práticas dos indivíduos singulares. Numa segunda abordagem, a visão holística de Durkheim, o sociólogo considera que os fatos sociais têm características próprias. E, por fim, sua abordagem determinista revela os mesmos fatos sociais na concepção de imposição e orientação das práticas e representações dos indivíduos.

Na construção das significações, dá-se o processo de “representação social”, defendido por Serge Moscovici, o qual o define nos seguintes termos:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo

material e social e controla-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhe um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (1976:xiii). (MOSCOVICI, 2013, p. 21)

Em seus estudos, o autor especifica duas funções para as representações:

Em primeiro lugar, elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. [...] Em segundo lugar, representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. (MOSCOVICI, 2013, p.34, 36).

Da primeira função, depreendemos o poder dos condicionamentos anteriores, sejam eles culturais ou de linguagem na formação de nossas representações sociais. Da segunda função, compreendemos que muitas das respostas que achamos ser nossas são, em última análise, repostas já convencionalizadas, daí a necessidade de repensar. Assim confirma o que Lewin escreveu: “A realidade é, para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade.” (LEWIN, 1948, p.57).

Para que não fiquemos com a ideia equivocada de que não temos “poder” sobre as representações sociais, citamos Moscovici novamente:

Para alargar um pouco o referencial, nós podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual. Tais representações aparecem, pois, para nós, quase como objetos materiais, pois eles são o produto de nossas ações e comunicações. (MOSCOVICI, 2013, p. 40)

Destacamos que, em nossa pesquisa, trabalharemos as representações sociais em diálogo com a perspectiva do interacionismo sócio discursivo (ISD), cujas bases estão

alicerçadas no Interacionismo Social (IS). Acerca das características do quadro do IS, destacamos o seguinte trecho de Gurgel (2013):

O quadro do IS reconhece que o homem é, evidentemente, um organismo vivo e que algumas de suas propriedades comportamentais são condicionadas pelo seu potencial genético. Entretanto, a posição epistemológica do IS reconhece também que as condutas humanas revelam capacidades de pensamento e de consciência, que foram construídas no curso da evolução. Assim, reconhecendo, sobretudo, a historicidade do ser humano, o quadro interacionista se interessa pelas condições sob as quais se desenvolveram, na espécie humana, a) formas particulares de organização social e b) formas de interação de caráter semiótico. (GURGEL, 2013, p.28)

Por organização social, entendemos um conjunto de valores, posições e papéis referentes a campos específicos das atividades e necessidades humanas. As organizações sociais se dão a conhecer, se constituem via linguagens. Assim, no tópico seguinte, consideraremos a inter-relação entre a linguagem verbal e as representações sociais, tendo em vista que, em nossa pesquisa, buscamos compreender as representações sociais da UNILAB conforme elas se revelaram discursivamente.

### **2.3 A Linguagem e sua análise**

A linguagem é a faculdade que permite ao ser humano construir/expressar pensamentos, por um sistema de signos, sinais, símbolos, sons, gestos ou regras, com significados convencionais. Acerca da linguagem, lemos em Coseriu (2001):

A linguagem se manifesta concretamente como uma atividade humana particular e facilmente identificável: a atividade de falar (fala ou discurso). Além disso, essa atividade é sempre a de falar a outro e, portanto, ‘a essência da linguagem se mostra no diálogo [...], isto é, a linguagem está estreitamente relacionada ao que os interlocutores têm em comum. (COSERIU, apud BROCKNART, 2008, p.72)

Ao entrevistarmos moradores do Maciço de Baturité a fim de, por meio de seus *discursos*, compreendermos as representações sociais da UNILAB, coadunamos com a existência da seguinte interligação entre “discurso” e “prática social”:

O discurso é a linguagem enquanto prática social determinada por estruturas sociais (as regras e/ou conjuntos de relações de transformações organizadas como propriedades dos sistemas sociais). Ao aceitar essa premissa, estamos aceitando também que a estrutura social determina, dessa forma, as condições de produção do discurso. (IÑIGUEZ, 2004, p. 148, 149)

Desta forma procuraremos observar estes discursos que ocorrem na vida social, a fim de compreender a representação desta instituição – UNILAB – pelos moradores da região onde ela se instalou. Nosso objetivo central é compreender as semelhanças e dessemelhanças entre o discurso da UNILAB sobre si mesma, nos documentos que a constituem, e o discurso dos moradores de Redenção sobre essa instituição.

Nossa opção pela entrevista como meio de flagrar os discursos sobre a UNILAB, justifica-se com base nas seguintes palavras:

Embora tais pontos de vista pessoais reflitam os resíduos ou memórias de conversações passadas, o entrevistado possui o papel central no palco. É a sua construção pessoal do passado. No decurso de tal entrevista, é fascinante ouvir a narrativa em construção: alguns dos elementos são muito bem lembrados, mas detalhes e interpretações falados podem até mesmo surpreender o próprio entrevistado. Talvez apenas falando que nós podemos saber o que pensamos. BAUER&GASKELL (2008, p.75)

E assim buscamos flagrar características centrais e relevantes dos entrevistados, levando em consideração seus pontos de vista baseados nas suas próprias experiências sobre a UNILAB. Ainda observaremos que cada um, por sua vez, busca contextualizar os impactos no que concerne aos aspectos físicos, econômicos e históricos gerados pela atividade humana da instituição UNILAB.

### 3. METODOLOGIA

Etapas metodológicas adotadas neste trabalho:

(I) Delimitação/compreensão do conceito de *representação social* a partir de estudo do assunto.

(II) Escolha dos informantes a serem entrevistados – critérios: ser morador de Redenção desde antes da implantação da UNILAB e, em Redenção, continuar a residir. Precisávamos entrevistar pessoas que tivessem vivenciado a chegada da UNILAB e seus três primeiros anos de efetivo funcionamento.

(III) Delimitação de faixas etárias: dois informantes jovens, alunos do Ensino Médio, dois informantes adultos, dois informantes idosos. Também optamos por um informante de cada sexo: um homem e uma mulher de cada faixa etária. Partimos da hipótese de que faixas etárias distintas e gêneros distintos propiciam representações distintas de um mesmo objeto: UNILAB.

(IV) Construção de um roteiro de perguntas para as entrevistas. O roteiro apresentou a seguinte configuração final:

1. Há quanto tempo reside nesta cidade? (E nesta casa, há quanto tempo você reside?)
2. Você gosta de morar nesta cidade? (Se pudesse escolher morar em qualquer lugar do Brasil, moraria aqui ou em outro lugar? Por quê?)
3. Como é sua rotina? Você poderia descrevê-la? (Há algo em sua rotina que você desejaria mudar?)
4. Como é sua relação com seus vizinhos? (Há algo em sua vizinhança que você gostaria de mudar?)
5. O que você faz nas horas de folga? (O que, em termos de opção de lazer, você gostaria que tivesse aqui em sua região?)
6. O que você sabia sobre a UNILAB antes de ela ser implantada em Redenção? (Você tinha expectativas sobre a UNILAB?)
7. A UNILAB trouxe mudanças para a sua região, para sua vida? (Se sim, quais mudanças? Qual sua opinião sobre essas mudanças?)
8. Você já realizou alguma atividade na UNILAB? (Você gostaria que a UNILAB ofertasse algum curso ou atividade? Por quê?)

9. Qual a sua avaliação sobre a UNILAB nestes três anos em que ela está em Redenção?

(V) Apresentação às pessoas da comunidade e realização das entrevistas: Mediante o auxílio de colegas da UNILAB que residem em Redenção, fomos apresentados a moradores de Redenção; explicamos que estávamos realizando um trabalho de conclusão de curso e queríamos saber a opinião deles sobre a UNILAB. A princípio muitos se mostraram tímidos, temerosos. Mas, ao passo que conversávamos, gerando assim um conhecimento mútuo, as barreiras foram quebradas, e as entrevistas realizadas – em suas próprias casas.

(VI) Transcrição das entrevistas e interpretações das repostas concedidas.

No capítulo seguinte, quando passamos à leitura interpretativas das respostas, explicamos as hipóteses para as perguntas formuladas; julgamos que assim as análises ficariam mais claras.

#### 4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, procederemos à análise das repostas que nos foram concedidas, a fim de depreender delas quais as representações que os habitantes do entorno da UNILAB fazem desta instituição. Com base na análise das repostas, ensejamos propor ações/medidas que poderão contribuir ou à modificação de algumas apreciações negativas ou ao reforço de apreciações positivas; visando, assim, à aproximação entre o olhar dos que habitam o entorno da UNILAB e o que essa instituição se propõe a ser para a região na qual ela se instalou.

As duas primeiras questões de nosso roteiro para entrevista indagavam acerca do tempo em que o informante reside em Redenção, quanto ao tempo em que, ele/ela habita aquela residência em particular e quanto a como ele se sente residindo onde reside – ele mudaria de região se pudesse; por quê? O objetivo dessas duas primeiras questões eram (I) compreender se o/a informante pode acompanhar o que era Redenção antes da UNILAB e (II) qual seu sentimento em relação ao seu lugar de habitação?

Nossa hipótese é que sentimentos de contentamento em relação ao lugar em que se vive poderiam repercutir negativamente no modo de ver a UNILAB, principalmente no caso dos mais velhos, que poderiam sentir uma espécie de *nostalgia* dos tempos de maior calma do interior isolado ou, no caso dos mais jovens, poderiam repercutir positivamente no modo de ver a UNILAB, por vê-la como progresso desejado. Por sua vez, sentimentos de descontentamento em relação ao lugar em que se vive poderiam repercutir positivamente no modo de ver a UNILAB pelas várias faixas etárias, que poderiam ver a instituição como alento, possibilidade de melhorias.

Da análise das repostas à primeira pergunta, constatamos que todos os nossos entrevistados residem em Redenção há décadas e habitam o mesmo imóvel, portanto, compartilham a mesma vizinhança. A primeira parte da resposta diz respeito ao tempo em que moram em Redenção; a segunda, ao tempo em que habitam o mesmo domicílio.

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) – 15 anos. Desde quando eu nasci 15 anos.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) – 15 anos. 15 anos também.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – Vinte anos. Dezesseis.

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – Rapaz eu cheguei aqui por volta de 84. Nessa casa não, porque esta casa é da dona Fátima mais na minha eu acredito que já esteja com 20 anos lá em barra nova.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) – 67 anos. 66, né.

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) – 65 anos. 60 certos.

Percebemos que, dos seis informantes, os dois jovens e a informante idosa nunca residiram em outro lugar. Os demais informantes passaram algum tempo em outra região.

Da análise das respostas à segunda pergunta, observamos que os entrevistados mais jovens manifestaram desejo de residir em outros lugares; por sua vez, os mais velhos expressaram um bem querer pela terra onde habitam. Conforme podemos constatar nas respostas dadas:

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) - Gosto. Em outro lugar. Por que pela questão da infraestrutura da cidade, da educação eu gostaria de mora em outro lugar melhor do que este com uma infraestrutura melhor e uma educação melhor ainda.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) - Sim, Por um lado ela tem muitas coisas boas mais ainda falta muita a crescer né e a gente pode crescer juntos. Eu moraria no rio grande do sul pela área sul. Por conta de lá ser mais desenvolvido do de que esta região pela educação ser mais valorizada, e até mesmo pela questão da saúde, mas a saúde é ruim em todo lugar.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – Gosto. A verdade na Bahia. Porque deve ser bom morar lá.

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – Rapaz foi ai, a cidade que me adotou, que acolheu e por isso eu amo essa cidade. Aqui em Redenção porque é aqui que eu trabalho aqui que é vivo aqui que é tenho minha família então eu tenho que viver aqui.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) - Nessa cidade se eu gostaria gosto sim. Aqui. Porque é minha terra onde eu nasci e me criei e eu acho que com toda violência é onde tem menos violência é aqui.

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) – Nessa cidade gosto sim. Aqui. Porque a terra onde eu nasci e gosto de morar é aqui por causa do clima.

Observamos que os três informantes que manifestaram desejo de mudança expressam motivos como “infraestrutura melhor”, “possibilidade de crescimento” e certa utopia do que seria residir em um estado turístico como a Bahia; por sua vez, os outros informantes alicerçam seu desejo de permanência em fatores lugar onde nasci, onde minha família reside, onde tenho trabalho, onde há menos violência. Há, portanto, dois discursos: desejo de algo que possibilite crescimento e maiores oportunidades versus desejo de estar onde já se conhece, com quem se conhece, onde os laços já estão firmados. Como será que essas duas maneiras diferentes de olhar a vida (o querer partir versus o querer ficar) olham a UNILAB?

As três questões seguintes em nosso roteiro (questões três, quatro e cinco) indagavam acerca da rotina dos entrevistados: O que caracteriza essa rotina? Como é a relação com os vizinhos no dia a dia? O que costumam fazer nas horas vagas, como lazer?

Nossa hipótese é que, com a implantação da UNILAB, com três anos de pleno funcionamento, as rotinas dos habitantes de seu entorno já estariam de alguma forma afetadas pelas ações da Instituição, como é o caso do mais antigo projeto de extensão (aberto a toda à comunidade) da UNILAB, a *Quarta Cultural*, que tem viabilizado espetáculos teatrais, exibição de filmes, promoção de autores e suas obras etc.

Em relação à pergunta 03, que versa sobre a rotina, observamos que todos expressam ter um dia a dia bastante atarefado. O que desmitifica o olhar de quem é da cidade sobre o habitante do interior, pois a imagem mais destacada é a das pessoas na calçada, como se elas passassem o dia inteiro sem ocupação; o que é uma irrealidade.

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) – É, de manhã eu estudo, a tarde eu tiro um tempo para estudar o conteúdo que apreendi pela manhã e à noite faço curso pré- Enem, em escola estadual da região. Não mudaria nada na rotina, nada não.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) - Eu acordo 6 horas e vou direto para a escola, estudo tempo integral e chego às 6 horas, e volto pro cursinho pré-Enem. Eu queria estudar somente pela parte da manhã e à tarde fazer o cursinho do Enem.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – Acordo, faço as minhas coisas em casa, depois venho ajudar minha mãe. Sim eu gostaria de mudar minha rotina, ficar somente em casa.

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – A minha rotina é puxada, viu, pois aqui a gente trabalha a serviço do povo e para crescimento da nossa cidade, então por isso que é movimentada, e a gente trabalha levando gente pra Fortaleza, atendendo na área da saúde, olhando as estradas, olhando o que tem de mal feito pra gente consertar e é assim que a gente vive. Na minha rotina, eu gostaria de mudar, sim, com certeza, atender melhor e mais a população, que a gente não consegue fazer.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) – A doméstica né. De descreve? É por exemplo fazendo as coisas de manhã, me levanto, né... merendo, aí começa a rotina, né... ajeitar o que é pra fazer a comida, essas coisas... varrer a casa... esse tipo de coisa a rotina do dia, né. Há duas coisa que eu queria mudar na rotina: não lavar roupa e varrer casa, mas porque sou alérgica.

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) – Agricultor. Manhã cedo me levanto, pego minha enxada e vou pro meu roçado, cuidar de meus legumes e se puder fazer uns trocados.

Constatamos que, ao falar sobre possíveis alterações na rotina, os cinco dos seis informantes que apontaram querer mudar algo na rotina indicaram mudanças que em nada envolvem o que a UNILAB poderia/pode oferecer à comunidade. Esperávamos, por exemplo, que alguns pudessem apontar desejo de aprender algo na UNILAB, em algum curso, por exemplo, que pudesse mudar/melhorar seu dia a dia; ou cuidar da saúde, por exemplo, realizando uma atividade física propiciada pela UNILAB etc. Mas vimos que, no que diz respeito à rotina desses informantes, a UNILAB não parece estar presente nela.

Em relação à pergunta 04, sobre as relações interpessoais entre vizinhos, observamos que todos falaram bem da vizinhança; à exceção da informante de 67 anos, que falou acerca de um vizinho problemático, que “quer mandar nos vizinhos na hora de votar”, mas que ela o respeita pela idade. O jovem de 15 anos, não falou mal dos vizinhos, mas se declarou reservado, “eu fico muito mais na minha”, mencionou. A jovem de 15 anos, disse que há “união” entre os vizinhos, mas apontou o fato de eles se incomodarem com a vida alheia, o que ela não gosta. Interessante notarmos que foram os mais jovens

que apontaram falhas nos vizinhos a ponto de preferir certa reserva; isso condiz com a faixa etária da adolescência.

Em relação à pergunta 05, sobre o que fazem como atividade de lazer, destacamos que os informantes expressam que o lazer fica em grande parte circunscrito a estar com a família, dormir um pouco, rezar. Mas todos expressaram querer mudanças no que diz respeito ao lazer, vejamos:

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) – Às vezes eu estudo, as vezes tiro tempo para ficar mais com a família, ter a comunhão com a família, é assim. Eu queria uma boa livraria.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) – Eu leio ou durmo, essas duas coisas. Acho que uma área assim de preservação ambiental e uma livraria para as pessoas que têm um bom poder aquisitivo.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – Nada só trabalhar quanto eu tô em casa. Não queria nada não, só gosto de ir pro jogo.

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – Eu não sou muito de lazer não, mas eu acredito que nós poderíamos ter mais é umas quadras cobertas que pudessem as pessoas brincar, jogar futebol que nós não temos então eu acredito que é que o pessoal aqui se identifica mais e gosta mais.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) – Há me deito, vou reza, vou dormir, vou rezar ...é muito bom a gente conversar com Deus um pedacinho. Há queria, sim uma coisa, assim que a gente saísse para passear, Wagner, que uma vida presa só à televisão é ruim, queria ir pra uma pizzaria, mas que não tivesse fumante dentro, que é horrível aquela fumaça, a gente é alérgica, não se dá com fumaça, né?

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) – Ah, vou dormir, vou comer. E pra mim seria um banho de açude pra gente se divertir.

Constatamos que, embora todos expressem desejo de melhorias no lazer (gostariam de uma livraria, de uma área de preservação, de pizzaria com espaço para não-fumantes, de quadras cobertas para esportes etc), essas melhorias também não envolveram o que as ações da UNILAB. Ficamos a nos perguntar sobre as atividades de extensão da instituição: elas não poderiam também ser uma opção de lazer?

Até a questão de número 05, realizamos perguntas cujas respostas poderiam apontar para a UNILAB – como um espaço no qual o laser fosse possível, como um espaço parte da rotina nos que vivem em seu entorno. Assim, poderíamos, sem tocar no nome “UNILAB”, flagrar respostas das quais pudéssemos depreender uma representação da UNILAB. A partir da questão 6 (da 6 a 9), as indagações de nosso roteiro de entrevista são explicitamente sobre a UNILAB – Que conhecimento os moradores do entorno da UNILAB têm dessa instituição? Como a veem? Como verbalizam esse “ver”?

**6. O que você sabia sobre a UNILAB antes de ela ser implantada em Redenção? (Você tinha expectativas sobre a UNILAB?)**

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) – Que seria uma grande universidade que *traria pessoas de outros países pra cá*, assim mudaria muitas coisas na cidade com a vinda desta universidade. Eu pensei estudar nela, mas os dias foram passando... a gente muda de ideia em cursar outra faculdade.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) – Eu sabia, lógico, que era uma universidade e que *traria muitos benefícios* aqui. Sim. Sim tinha.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – Nada, eu nunca soube dela não.

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – Pra ser sincero, não, num sabia quase nada, só rumores que ia ter uma faculdade, mas uma hora ia pra Redenção... uma hora ia pra Baturité, outra hora não sabe pra onde.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) – Ah, eu sabia! Mas tinha muitas dúvidas, né? Que não vinha tudo, mas toda vida achei que ela vinha, pois coisa arrumada pelo Lula sai. Tinha e tenho muitas esperanças.

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) - Eu sabia. Tinha esperanças de *trazer crescimento pra cidade*.

Constatamos que, antes da chegada da UNILAB, havia basicamente rumores de que os habitantes de Redenção ouviam falar, nada muito claro. A informação mais concreta foi dada pela informante de 15 anos, que declarou saber que a UNILAB “traria pessoas de outros países para cá”. Quanto às expectativas sobre a UNILAB, os informantes declararam haver, sim, expectativas, mas seus discursos são muito vagos: falam em “esperanças”, “benefícios”, “crescimento pra cidade”; mas não há uma representação concreta do que essa instituição poderia ser.

**7. A UNILAB trouxe mudanças para a sua região, para sua vida? (Se sim, quais mudanças? Qual sua opinião sobre essas mudanças?)**

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) – Sim, *trouxe muitas mudanças pra região, não para a vida das pessoas*. Na base da economia, trouxe sim, a cidade cresceu muito, né, com a vinda da universidade.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) – *Na minha vida, não diretamente, mas para região, sim, por conta do comércio que cresceu, aumentou a valorização das casas, dos aluguéis, a questão de conhecer outras culturas...* tudo é fruto da UNILAB. Eu acho que até agora as consequências foram boas, *com o tempo virá as ruins*.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – Sim. Sim é bom. Quando termina os estudos, assim dos *nostros filhos, aí procura a Unilab pra fazer faculdade*, que é uma coisa pra fazer. É bom.

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – Com certeza. *Não só pra minha vida mas sim pra população* em si toda a população do Maciço de Baturité, é eu acho que a mudança foi em geral tanto pro *crescimento da cidade* como do estudo, *que futuramente nós vamos ter grandes doutores aqui na nossa cidade*. Tivemos foi o crescimento da cidade, valorização das casas, o crescimento do comércio. E a população cresceu, que veio muita gente de fora de outros países, de Fortaleza, do Estado do Ceará em si. Então eu acredito que a mudança foi em tudo. A minha opinião é as melhores possíveis. A minha opinião concordo, eu acho que foi uma grande conquista pra Redenção ter ganhado essa Unilab, porque não só cresceu a cidade, mas sim a cultura do povo e o povo.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) – Trouxe muitas mudanças, ela evoluiu a cidade né, cresceu mais né. Ótimas mudanças, né? São muito boas.

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) - Trouxe muitas mudanças, *os africanos que vieram estudar aqui né*. Ótimas. São boas.

Observamos que as a UNILAB é representada nestes discursos como instituição propiciadora de mudanças, avaliadas positivamente. Mas essas mudanças são apontadas ou para um futuro distante (*Quando termina os estudos, assim dos nostros filhos, aí procura a Unilab pra fazer faculdade; futuramente nós vamos ter grandes doutores aqui na nossa cidade*) ou para um presente da cidade, mas não de seus habitantes (*trouxe muitas mudanças pra região, não para a vida das pessoas; Na minha vida, não*

*diretamente, mas para região, sim.*). Chamou-nos especial atenção essa dissociação entre “região” e “vida particular” – se o indivíduo está em uma região, se essa região muda, como isso não o afeta?

Dos seis informantes, apenas o jovem de 15 anos e o idoso de 70 anos fazem menção aos africanos que vieram para Redenção; o jovem destaca *a questão de conhecer outras culturas* e o idoso fala sobre *os africanos que vieram estudar aqui né*, como mudanças positivas. Chamou-nos atenção que o mais jovem de nossos informantes e o mais idoso, ambos tenham destacado a vinda de estrangeiros à sua região como mudança positiva; havia a hipótese de que os mais idosos fossem mais resistentes que os mais jovens ao convívio com estrangeiros, com outras culturas. A UNILAB é, portanto, representada como aquela que traz estrangeiros para a região, o que é positivamente avaliado.

Os aspectos, no entanto, mais destacados como representação de mudanças positivas foram concernentes ao que o mundo ocidental costuma indicar como indícios de progresso, nos discursos de nossos informantes positivamente avaliados: *a cidade cresceu muito, comércio que cresceu, aumentou a valorização das casas, dos aluguéis, valorização das casas, o crescimento do comércio, a população cresceu*. Observamos que os efeitos da mudança são vistos como a mudança em si mesma. Apenas no discurso do informante de 15 anos é que se nota um anúncio de que há mudanças que não são boas, mas essas serão percebidas somente no futuro (Eu acho que até agora as consequências foram boas, *com o tempo virá as ruínas.*). Como, em sua fala, o jovem evidenciou preocupação com o meio ambiente, subentendemos que ele se preocupa com a estrutura de Redenção quando a UNILAB tiver assumido proporções de grande centro de ensino.

**8. Você já realizou alguma atividade na UNILAB? (Você gostaria que a UNILAB ofertasse algum curso ou atividade? Por quê?)**

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) – Não por enquanto não. Sim gostaria muito. Porque até por aqueles alunos que terminou o ensino médio para fazer algum curso para não ficar totalmente parado.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) – Eu participei do curso de educação financeira realizado pelo curso de administração público. Sim, hoje ainda é muito pouco o que ela oferece pra as pessoas é que ainda não conseguiram chegar a universidade até mesmo pessoas que trabalham e hoje não tem mais como um foco chegar

na universidade então acho deveria tem que ter um projeto que levasse as pessoas o desejo de estudar novamente e de ofertar principalmente pro ensino médio um curso mais preparatório para o Enem porque no ensino médio há preparação mais não é como a universidade ajudando o próprio aluno.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – Não. Sim, eu gostaria que a Unilab ofertasse algum curso, pois era bom.

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – Já não, não realizei, mas já estive lá diversas vezes pra assistir reunião e ver alguns eventos, já fui ao teatro, então é de grande importância. Há algum curso que eu acredito que eu acho que em breve vai ter mais que o curso de Medicina, né? Que eu acredito que quando tiver esse curso e *tiver o hospital quem ganha é a população*.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) – Não, nunca, não! Mas já entrei lá, fui muito bem recebida. Como é? Se ela? Não isso aí eu nunca pensei não, porque ela já faz tanto né as coisas dela são muito evoluídas muito boas tudo de futuro e segurança para os brasileiros, para os redencionistas, né? E estou satisfeita com a Unilab.

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) - Não. Sei, não, porque já estou velho, mas pode ter algo que eu aprenda ainda por lá, né?

Observamos que, de nossos seis informantes, apenas um realizou curso de extensão ofertado pela UNILAB e apenas um esteve na Instituição para assistir a uma peça teatral. Todos afirmam que querem, sim, que a UNILAB oferte curso, atividades à comunidade, embora não necessariamente saibam o que sugerir. O jovem de 15 anos sugere um preparatório para o Enem e um curso que motivasse os que pararam de estudar a voltar a pensar em estudar. Há aqui a representação da UNILAB como espaço que pode conduzir à própria universidade. Essa representação chamou-nos especial atenção, pois a Universidade é vista como ponte entre a escola básica e ela própria, Universidade; evidenciando que há uma representação bastante negativa da escola básica, que não tem cumprido seu papel de preparar o indivíduo para a Universidade.

Outra representação que nos chamou atenção, depreendida do discurso do informante de 70 anos, concerne a ser a UNILAB representada como “espaço de possibilidades”, o que é depreendido da assertiva “já estou velho, mas pode ter algo que eu aprenda ainda por lá, né?” Embora, no discurso da senhora de 67 anos a UNILAB

tenha sido representada como espaço para as coisas que estão bem além da compreensão de pessoas simples, poucas letradas: “as coisas dela são muito evoluídas”.

**9. Qual a sua avaliação sobre a UNILAB nestes três anos em que ela está em Redenção?**

Jovem (Sexo feminino - Aluna do Ensino Médio – 15 anos) – Eu não tenho há falar de ruim da faculdade não *até porque ela é muito bem falada na cidade* e ela tem uma estrutura boa e tem um ensino ótimo e conta com ótimos professores.

Jovem (Sexo masculino - Aluno do Ensino Médio – 15 anos) – Assim é a unilab foi uma ponte e ainda continua sendo uma ponte de desenvolvimento da cidade de Redenção. O que falta é a questão da organização desse desenvolvimento, que muitas vezes fica reservado mais no centro do que *expandir as outras áreas no caso a universidade seria para cidade toda* e aqui só alguns pontos que continuam sendo.

Adulto (Sexo Feminino – Secretária do Lar – 39 anos) – *Só coisa boa que eu escutei nada de ruim dela não é muito bom pra redenção.*

Adulto (Sexo masculino – Funcionário Público / Vereador – 47 anos) – A minha avaliação eu acho que a nota que eu daria de zero a dez é dez a minha avaliação é nota dez.

Idoso (Sexo feminino – Aposentada: ex-Secretária do Lar – 67 anos) – Ótimas não tenho nada que dizer ao contrário. Ótimas. A não ser quando o prefeito de Acarapé vem brigar para tomar a Unilab daqui, né? Porque o Lula deu a Redenção, ele deixou de dá a Baturité para dá a Redenção, e aquele canalha quer tirar daqui pra lá. Eu digo: a briga não foi aqui, foi na rádio, né.

Idoso (Sexo masculino – Aposentado: ex-Agricultor – 70 anos) – Ótimas. Espero que a juventude aproveite esta chance de estudar numa universidade tão importante como a Unilab.

Observamos que nossos informantes falam da UNILAB pelo que ouviram de outros (Eu não tenho há falar de ruim da faculdade não *até porque ela é muito bem falada na cidade; Só coisa boa que eu escutei nada de ruim dela*) e a representam positivamente porque ouviram falar dela positivamente. Mas não habitam seu entorno? Por que ainda ela parece estar tão distante?

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise das repostas concedidas por nossos entrevistados, observamos, em termos gerais, que a UNILAB, embora fisicamente próxima, ainda não é parte da vida de nossos entrevistados.

Quando falaram de suas rotinas ou de suas atividades de laser, por exemplo, não incluíram a UNILAB como lugar para assistir a uma peça teatral (evento propiciado pelas *Quartas Culturais* da Universidade), ou para assistir a um filme (evento propiciado por projetos como *Cinema e Filosofia e Sociologia, Cinema e Política*).

Esperávamos que, em termos de projeção, do que a UNILAB pode propiciar, os entrevistados falassem sobre ser a UNILAB um espaço para a prática de atividades físicas, ser um espaço para dicas de como cuidar da saúde, ser um espaço para obtenção de informações sobre assuntos cotidianos, mas ela não foi assim representada. Os informantes que a representaram discursivamente como espaço que deveria ofertar novos cursos, no caso dos dois informantes mais jovens, representaram a UNILAB apenas como espaço para preparar as pessoas para entrar na universidade, admitindo, implicitamente, que a escola não capacita o suficiente. Ou seja, a UNILAB é vista como espaço acadêmico apenas.

Concluimos destacando a importância de a UNILAB incrementar suas atividades de extensão a partir das necessidades apontadas pelos moradores de seu entorno. Muitas vezes, os projetos de extensão são pensados academicamente – por professores e alunos – que supõem que aquela ideia será excelente para a comunidade. Não seria mais oportuno entender as necessidades, os anseios, os modos como os habitantes do entorno da UNILAB a representam para, a partir deste ponto de partida, pensar uma extensão que possa, de fato, se integrar à rotina dos habitantes de Redenção e/ou ao laser?

Reconhecemos que a UNILAB, por meio de seus docentes, discentes, técnicos, administradores têm pensado o projeto de interiorizar e internacionalizar com muito compromisso e reponsabilidade, e é neste sentido que compartilhamos à comunidade da UNILAB essa pequena amostra de como os habitantes do entorno da

UNILAB têm representado a UNILAB: ela ainda parece distante, mas dá, sim, para torná-la mais próxima da comunidade.

Ratificamos porquanto um motivo contundente para criação e instalação das universidades. Pois se distribuídas pelo território nacional brasileiro, precisam ser pensadas a partir e em conexão com os desafios que deverão ser superados pelo Brasil nas próximas décadas, entre os quais são relevantes: a superação das desigualdades e a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável, conciliando assim o crescimento econômico com justiça social e equilíbrio ambiental.

Com ações de extensão que aproximem mais IES e moradores de seu entorno, as representações da UNILAB pelos habitantes de seu entorno se aproximarão das representações que a UNILAB constrói de si mesmo: como instituição que tem por meta interiorizar e internacionalizar, a um só tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Claisy Maria Marinho. *Análise dos sistemas de educação superior no Brasil e em Portugal: o que apontam as políticas educacionais*. Porto Alegre: EDIPUCRS: Editora Universitária Metodista IPA, 2012.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 7ed., 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologia Fácil*. São Paulo, Saraiva, 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2008.

CNDR, Documento de Referência: Secretaria de Desenvolvimento Regional. Brasília, 2012.

DIRETRIZES GERAIS DA UNILAB. Redenção, 2010. Site <http://pdi.unilab.edu.br/index.php/downloads/>. Visitado em: 07/08/2014.

DURKHEIM, Emile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo SP, 5ª reimpressão, Editora Martin Claret Ltda, 2011.

FARIAS, José Airton. *História do Ceará*. Fortaleza, CE, 6ª Edição, Armazém da Cultura, 2012.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras, 34 ed., 2007.

GURGEL, Manoelito Costa. *Representações sociais de professores de língua materna em formação inicial sobre o estágio de regência. Dissertação(mestrado)*. Fortaleza, CE: UFC, 2013.

IÑIGUEZ, Lupicínio. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2004.

MOACYR, Primitivo. *A Instrução e o Império: Subsídios para a História e Educação no Brasil – 1854-1888, 2º Volume*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937. Site <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/43/A-instrucao-e-o-Imperio-2-vol>. Visitado em: 01-08-2014.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 10 ed, 2013.

SCHOPENHAUER, Artur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto, 2001.